

“Um Rio chamado Atlântico”: Os Diálogos do Discurso da Mestiçagem em Cabo Verde



<http://eoi.citefactor.org/10.11248/ehum.v8i2.1569>

Taciana Almeida Garrido de Resende

Mestre em História pela Universidade Federal de Minas Gerais— UFMG

e-mail: tacianagarrido@gmail.com



Pode-se dizer que Cabo Verde começou verdadeiramente a interessar os seus próprios escritores, depois que estes receberam a lição dos intelectuais brasileiros.¹

Resumo: Este artigo é um recorte e um desdobramento de um dos capítulos de minha dissertação de mestrado, na qual analisei o discurso político-intelectual de quatro intelectuais cabo-verdianos nomeados “claridosos”. Baltasar Lopes, João Lopes, Gabriel Mariano e Henrique Teixeira de Sousa eram assim chamados por fazerem partedo grupo de escritores e poetas da *Claridade*: revista de artes e letras, que circulou no arquipélago entre os anos de 1936 e 1960. O recorte temático deste artigo diz respeito às leituras e às reapropriações formuladas por dois desses intelectuais, Baltasar Lopes e João Lopes, sobre o discurso da mestiçagem de Gilberto Freyre. O objetivo foi mostrar que os textos de Freyre adquiriram novos significados quando realocados para o mundo social caboverdiano e serviram para corroborar determinado projeto político e identitário para o arquipélago.

Palavras-Chave: Cabo Verde; Intelectuais claridosos; discurso da mestiçagem.

Resumé: Cet article fait partie d’un des chapitres de ma dissertation du Master, dans lequel j’ai analysé le discours politique et intellectuel de quatre écrivains cap-verdiens: Baltasar Lopes, João Lopes, Gabriel Mariano e Henrique Teixeira de Souza, nommés comme ça à cause d’un groupe d’écrivains et de poètes de la *Claridade*: revue d’arts e de lettres, entre les années 1936 et 1960. Cet article aborde les lectures et les appropriations formulées par deux de ces intellectuels, Baltasar Lopes et João Lopes, sur le discours du métissage de Gilberto Freyre. Les textes de Freyre ont acquis nouveaux signifiés au monde social cap-verdian et ont servis pour réaffirmer certain projet politique e indentitaire pour Cap Verd.

Mots-Clés: Cap Vert, intellectuels claridosos, discours du métissage

Recebido em: 08/06/2015 – Aceito em 09/09/2015

1. Introdução

O título deste artigo é uma menção, mas sobretudo uma homenagem, ao historiador, africanista e diplomata Alberto da Costa e Silva, que, numa metáfora sensível à História, resumiu com brilhantismo os laços tão estreitos entre a África e o Brasil em vários momentos do passado e do presente.² Com essa expressão em mente, a proposta deste artigo é problematizar a importância da obra de Gilberto Freyre para as propostas políticas e intelectuais de dois escritores cabo-verdianos entre as décadas de 1930

¹ SOUSA, Henrique Teixeira. Uma visita desejada. Cabo Verde – Boletim de Propaganda e Informação. Praia, Ano 3, nº 27, 1951, p. 31.

² Silva, Alberto da Costa e. Um Rio Chamado Atlântico - a África No Brasil e o Brasil Na África. São Paulo: Nova Fronteira, 2014

³ RINGER, F. Fields of Knowledge: French academy culture in comparative perspective. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p.11.

e 1950.

Para se avançar sobre este intuito, um alicerce para a interpretação das fontes foi a premissa de que ideias nunca são totalmente separáveis de seu enraizamento em instituições, práticas e relações sociais.³ Assim, o trabalho de Gilberto Freyre realizado para o Brasil sobre a mestiçagem e sobre o lusotropicalismo, e mais tarde alargado como campo interpretativo para as colônias portuguesas da época, não será tomado como parâmetro automático de avaliação. O argumento é de que, a partir de um mesmo conjunto de obras, as ideias de lusotropicalismo e de mestiçagem engendradas por Gilberto Freyre adquiriram usos e sofreram ressemantizações⁴ condizentes com as demandas e expectativas específicas do lugar de leitura e de fala dos escritores de Cabo Verde. Segundo a historiadora Angela Alonso, “ler textos conforme graus de fidelidade doutrinária a teorias estrangeiras conduz sempre a um diagnóstico de insuficiência, já que a questão acaba formulada como relação de cópia/desvio entre sistemas intelectuais nativos e estrangeiros”.⁵ Além disso, tomar ideias circulantes como “distorção” ou “não matriciais” torna evidente um pressuposto insustentável: o de distinção hierárquica entre problemáticas intelectuais, o que deixaria qualquer transferência ou reformulação de conceitos como deslocado por princípio. As interpretações que priorizam as barreiras rígidas entre colonizador e colonizado tendem a ignorar um universo de valores compartilhado, a negligenciar o repertório construído na experiência colonial.

1.1 Brasil e Cabo Verde: entre a literatura e o discurso político

Baltasar Lopes (1907-1989) e João Lopes (1894-1980) foram intelectuais fundadores da revista *Clareidade*. Apropriaram-se do discurso da mestiçagem e deram a ele um sentido novo, que fizesse sentido e corroborasse seus projetos políticos naquele território insular, com uma conformação histórica sem dúvida diferenciada da do Brasil, mas com vários pontos de contato significativos.

Diante disso, a pergunta que orientou este trabalho foi “o que ser mestiço quer dizer?” Essa palavra, “mestiçagem” não foi uma categoria neutra entre os claridosos. Ao contrário, mostrou-se uma categoria em disputa e que mobilizou debates apaixonados. As leituras desses intelectuais caboverdianos sobre as teorias freyrianas – não deixando de considerar a importância que a perflha de parte da cúpula governamental portuguesa do lusotropicalismo a partir da década de 1950 significou – não foram intransitivas, tiveram uma razão de ser, uma leitura específica.

“Precisamos de certezas sistemáticas que só podiam vir com o auxílio metodológico e com a investigação de outras latitudes”⁶. Essa frase, proferida por Baltasar Lopes em 1956, demonstra a deliberada inspiração de Cabo Verde sobre territórios estrangeiros. A produção literária brasileira, mais do que a portuguesa, atingiu um público leitor considerável no arquipélago. As obras de Jorge Amado, Graciliano Ramos e José Lins do Rego, por exemplo, circularam com entusiasmo entre os círculos intelectuais e clubes de leitura caboverdianos, num momento em que a seca e a pobreza eram temáticas comuns para os escritores dos dois lados do Atlântico. O modernismo regionalista do nordeste brasileiro da década de 1930 foi o grande fascínio para Baltasar Lopes e para outros de sua época, que tomaram referências tanto literárias quanto ideológicas do contexto brasileiro para pensarem e construir uma narrativa identitária coesa para Cabo Verde.

Os aspectos sociais, culturais, geográficos e históricos presentes na literatura e nos estudos sociológicos dos regionalistas nordestinos brasileiros coincidiram com as características de Cabo Verde. Esse processo de formação encontrou seu mais ajustado pilar argumentativo no discurso da mestiçagem. Leitores atentos de Nina Rodrigues, Artur Ramos e, principalmente, Gilberto Freyre, os caboverdianos Baltasar Lopes e João Lopes

³CERTEAU, Michel de. “Ler: uma operação de caça” In: A invenção do cotidiano. Petrópolis: Vozes, 2004.

⁴ALONSO, Angela. Idéias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 32.

⁵SILVA, Baltasar Lopes da. Cabo Verde visto por Gilberto Freyre: Apontamentos lidos aos microfones da rádio barlavento. Praia: Im-

inauguraram um longo e profícuo diálogo atlântico, no qual a questão da mestiçagem foi o principal foco de atenção das discussões.

As ideias da mestiçagem e do lusotropicalismo de Gilberto Freyre extrapolaram as fronteiras brasileiras e revestiram-se de propósitos distintos tanto na América Latina como no outro lado do oceano, seja em Portugal, seja em suas colônias na África. Em Cabo Verde, Gilberto Freyre foi profundamente admirado. Como disse o escritor Teixeira de Sousa em artigo de 1951, “o entusiasmo foi tanto que houve quem dormisse com *Casa Grande & Senzala* na banquinha de cabeceira, e o manuseasse com o mesmo fervor com que os crentes leem as Sagradas Escrituras.”⁷ Assim, a visita de Gilberto Freyre ao arquipélago, em 1951, foi ansiosamente aguardada pelos intelectuais da época, que não hesitaram em publicar lisonjas ao estudioso na imprensa local. Suas declarações, desde os anos de *Casa Grande* até as polêmicas impressões após a visita de Freyre a Cabo Verde, renderam diversas discussões, que oferecem uma janela importante ao historiador que tenta perceber – e compreender – o debate identitário intelectual da época.

2. As obras de Gilberto Freyre como teorias transatlânticas

Gilberto Freyre (1900-1987), sociólogo pernambucano de grande importância na história do pensamento teórico-político brasileiro, foi responsável por uma interpretação da história do Brasil que pode ser verificada em sua vasta obra de mais de cinquenta títulos. Determinados argumentos específicos de seu pensamento encontraram terreno fértil em Cabo Verde. A ideia freyriana de ampliar o sentido histórico estrutural do Brasil como região líder de um complexo de espaços inter-regionais da colonização lusa, por exemplo, foi de grande inspiração àqueles caboverdianos que, na outra margem, necessitavam de uma teoria argumentativa, para abraçar ou rechaçar, que fizesse possível construir para si um lugar social.⁸

É clara a aguda disparidade de recepções que percorreu a obra de Freyre, mesmo após sua morte, em 1987. O conceito de identidade nacional, pautado no Brasil como síntese dialética de elementos portugueses e africanos, foi tão poderoso que criou, segundo Jerry Dávila, um arcabouço que permitiu tanto os que apoiavam Portugal quanto os que buscavam laços com a África fazerem uso dele.⁹ No caso de Cabo Verde, três momentos relacionados com o autor foram singulares: a viagem do sociólogo à África em 1951; a posterior publicação de suas impressões em *Aventura e Rotina*, *Um brasileiro em terras portuguesas* e *O mundo que o português criou*: aspectos das relações sociais e de cultura do Brasil com Portugal e as colônias portuguesas; e a recepção de *Casa Grande & Senzala*, sobretudo no que diz respeito às benesses da colonização portuguesa, ao elogio da mestiçagem e à democracia racial. Era necessário desfazer os polos para fazer a síntese do povo caboverdiano. E só a figura do mestiço pôde representá-lo.

3. Leituras de Gilberto Freyre em Cabo Verde

A análise das fontes da época revela ao historiador a orfandade do texto¹⁰ de Gilberto Freyre e as múltiplas interpretações que se mostraram possíveis no horizonte de expectativa de seus leitores em outras latitudes. A seguir, pretende-se analisar paralelamente o texto de autoria do autor brasileiro e as leituras subsequentes feitas de sua obra por Baltasar Lopes e João Lopes.

Em *Casa Grande & Senzala* Freyre já glorificava as supostas benesses trazidas por

⁷ SOUSA, Henrique Teixeira. Uma visita desejada. Cabo Verde – Boletim de Propaganda e Informação. Praia, Ano 3, nº 27, 1951, p. 31

⁸ Cf. PINTO, João Alberto da Costa. “Gilberto Freyre e a inteligência salazarista em defesa do Império Colonial Português” (1951 – 1974). *História*, São Paulo, nº 28, v. 1, 2009, p. 446.

⁹ DÁVILA, Jerry. *Hotel Trópico: o Brasil e o desafio da descolonização africana, 1950-1980*. São Paulo: Paz e Terra, 2011, p. 24.

¹⁰ Referência a Jacques Rancière, que formulou a metáfora da letra errante, do texto órfão para problematizar e defender a legitimidade dos múltiplos significados possíveis que um texto adquire após seu distanciamento do autor e aproximação do leitor. Rancière afirma o desentendimento como parte integrante da etnografia na forma de produção textual sobre o outro. Segundo o autor, é a “orfandade do texto” que o torna capaz de falar com o “outro”, tornar-se inteligível em outros meios sociais. Cf. RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da Escrita*. São Paulo: Editora 34, 1995.

dois séculos da presença colonizadora portuguesa no Brasil:

A falta desses recursos [condições de vida física e nutrição diferentes das de Portugal], como a diferença nas condições meteorológicas e geológicas em que teve de processar-se o trabalho agrícola realizado pelo negro, mas dirigido pelo europeu dá à obra de colonização dos portugueses um caráter de obra criadora, original [...]; grande feito português, dadas as dificuldades impostas pela natureza.¹¹

A aptidão e a plasticidade lusitanas de adaptação aos trópicos, aliadas à *miscibilidade*¹² inata do português, teriam facilitado sua permanência na região, e o conjunto dessa experiência era descrito como um equilíbrio de antagonismos¹³ ou, como acrescentou Freyre: “Somos duas metades confraternizantes que se veem mutuamente enriquecendo de valores e experiências diversas”¹⁴. Esse equilíbrio de contrários era o que produzia uma sociedade democrática, sem a polaridade entre africanos, índios e europeus ou entre senhores e escravos, e, por isso, o Brasil seria um país “em vários sentidos sociais um dos mais democráticos, flexíveis e plásticos”.¹⁵ Esta harmonia entre a casa grande e a senzala, segundo o sociólogo, fora garantida graças às forças de confraternização e de mobilidade vertical próprias do caso brasileiro, como a miscigenação e a dispersão de heranças, ao acesso dos mestiços e dos filhos naturais aos altos cargos, ao cristianismo lírico à portuguesa, à tolerância moral e à hospitalidade em relação aos estrangeiros. Para Freyre, o “humanismo missionário-cristão soubera estabelecer relações estáveis e relativamente amistosas”.¹⁶

O discurso freyrianovoltava-se, em grande parte, à legitimação da colonização portuguesa a partir de suas características pretensamente humanitárias, aspecto de que, para ele, careciam outras nações colonizadoras. Essa legitimação, é preciso dizer, foi mobilizada para validar a formação social brasileira, preocupação primeira do escritor. O caráter cultural e “racialmente” mestiço da sociedade colonial brasileira é exaltado em sua obra, enquanto aspectos econômicos da exploração, que possivelmente contestariam a tese do equilíbrio de antagonismos, são suavizados. Segundo um estudo canônico de Ricardo Benzaquem de Araújo sobre Gilberto Freyre, este autor veio frisar os espaços para as denúncias de violência nas relações senhor/escravo em *Casa Grande*, a despeito do elogio da democracia racial.¹⁷

Freyre não foi o primeiro a apostar na integração racial, mas sua retórica positiva da mestiçagem, a ideia do português que se torna lusobrasileiro no trópico, foi tão amplamente divulgada que ganhou áureas de ineditismo. Fernando Henrique Cardoso, em prefácio a *Casa Grande & Senzala*, diz que a novidade de Gilberto Freyre foi mostrar, com mais força do que todos, que “a mestiçagem, o hibridismo, e mesmo (mistificação à parte) a plasticidade cultural da convivência entre contrários, não são apenas uma característica, mas uma *vantagem* do Brasil”.¹⁸

Essa ideia de um processo civilizatório no país que tem no português o herói colonizador e o construtor da nação, aquele que concedeu ao negro e ao índio a possibilidade de integração, é o cerne da concepção lusotropicalista desenvolvida na década seguinte, a qual irá alargar o “êxito” do processo iniciado e desenvolvido no Brasil para os espaços coloniais portugueses¹⁹. Foi justo na década de 1940, segundo Alejandra-Mailhe²⁰, que Freyre acumulou argumentos para consolidar a identidade do conjunto

¹¹FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2006. p. 77-79.

¹²FREYRE, 2006, p. 70-72.

¹³FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2006. p. 117.

¹⁴FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2006. p. 26.

¹⁵FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2006. p. 113.

¹⁶FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2006. p. 21.

¹⁷ARAÚJO, Ricardo Benzaquem de. *Guerra e paz: Casa-grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2005.

¹⁸FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2006. p. 28.

¹⁹PINTO, João Alberto da Costa. “Gilberto Freyre e a intelligentsia salazarista em defesa do Império Colonial Português” (1951 – 1974). *História*, São Paulo, nº 28, v. 1, 2009. p. 458

²⁰MAILHE, Alejandra. Uma celebración de los Orígenes espúrios: Mestizaje y cultura portuguesa en el luso-tropicalismo de Gilberto Freyre. In _____; REITANO, Emir. (Orgs.). *Pensar Portugal: reflexiones sobre el legado histórico y cultural del mundo luso en Sudamérica*. Buenos Aires: FaHCE, 2008, p. 333.

de regiões e estendê-la à toda colonização portuguesa como um novo objeto de conhecimento, mesmo que ainda não tivesse utilizado o termo “lusotropical”.

O ano de 1951 foi um momento importante para a conexão e o diálogo entre Gilberto Freyre e os intelectuais de Cabo Verde. Gilberto Freyre foi convidado por Sarmiento Rodrigues, então ministro do Ultramar, para realizar uma viagem de fins científicos pelas possessões portuguesas. Os resultados foram publicados em *Aventura e Rotina* e *Um Brasileiro em Terras portuguesas*, obras em que já se percebe o alargamento da especificidade da colonização portuguesa, antes apenas remetida ao Brasil. Segundo AlejandraMailhe²¹, a ausência de referências ao passado e à violência colonial nos relatos de viagem de Freyre deixa entrever, “a contrapelo, o vínculo nada ingênuo entre produção de conhecimento etnográfico e exercício de poder.” Segundo Sérgio Neto,

compreende-se o interesse do Estado Novo em perfilar o luso-tropicalismo. Uma doutrina da autoria de um cientista estrangeiro de renome internacional – portanto, mais credível -, confirmando a peculiaridade da ação portuguesa, não era de negligenciar, tanto mais que a pressão no seio da ONU para a necessidade da descolonização se ia intensificando [...]. Alvo de muitas críticas, o luso-tropicalismo foi, até a Revolução de Abril, uma das pedras de toque ideológicas de um regime cada vez mais isolado internacionalmente.²²

A definição de civilização lusotropical de Freyre encontrou respaldo e ganhou força tanto em Portugal quanto em Cabo Verde, no movimento claridoso. Segundo Freyre, a civilização lusotropical era

uma cultura e uma ordem social comuns à qual concorrem, pela interpretação e acomodando-se a umas tantas uniformidades de comportamento do Europeu e do descendente e do continuado do europeu nos trópicos – uniformidades fixadas pela experiência ou pela experimentação lusitana – homens e grupos de origens étnicas e de procedências culturais diversas. Vê-se assim que é um conceito, o sociológico, de civilização luso-tropical, de cultura e de ordem social luso-tropicais, que ultrapassa o apenas político ou retórico ou sentimental de ‘comunidade luso-brasileira’.²³

Essas ideias de Gilberto Freyre para o Brasil, abraçadas e expandidas por determinados setores do governo português na década de 1950, forneceram um arcabouço teórico importante para os escritores claridosos já no começo da década de 1930.²⁴ Sobre o arquipélago, o autor de *Casa Grande & Senzala*, antes de sua viagem às ilhas, afirmou que Cabo Verde era uma espécie de “Ceará africano desgarrado no Atlântico, um país [...] à procura de um destino, ou uma Martinica afro-portuguesa onde os colonizadores ensaiaram as primeiras grandes miscigenações [...]”²⁵

A repercussão de Gilberto Freyre em Cabo Verde veio muito antes da perfilha portuguesa de seu edifício teórico. A questão da mestiçagem, já presente em *Casa Grande & Senzala*, direciona a discussão do caboverdiano João Lopes. No segundo número da revista *Claridade*, de 1936, Lopes alude à teoria freyriana do equilíbrio dos

²¹MAILHE, Alejandra. Uma celebración de los Orígenes espúrios: Mestizaje y cultura portuguesa en el luso-tropicalismo de Gilberto Freyre. In _____; REITANO, Emir. (Orgs.). Pensar Portugal: reflexiones sobre el legado histórico y cultural del mundo luso en Sudamérica. Buenos Aires: FaHCE, 2008, p. 339.

²²NETO, Sérgio. Cabo-verdianidade e Luso-tropicalismo: duas visões de Cabo Verde em tempos de Estado Novo. Estudos do Século XX, Coimbra, n.º3, 2003, p. 299.

²³FREYRE, Gilberto. Uma política transnacional de cultura para o Brasil de hoje. Revista Brasileira de Estudos Políticos. Belo Horizonte, 1960, p. 74

²⁴Cabo Verde não foi a única colônia em que o discurso lusotropical encontrou terreno fértil para discussões. Sobre a recepção da obra de Freyre em Angola, cf. NETO, Maria da Conceição. Ideologias, contradições e mistificações da colonização de Angola no século XX. Lusotopie, 1997, p.330. Disponível em: <http://www.lusotopie.sciences-pobordeaux.fr/neto97.pdf>. Acesso em: 12/04/2015; FERREIRA, Roquinhaldo. Ilhas crioulas: o significado plural da mestiçagem cultural na África atlântica. Revista de História da USP, n. 155, 2006. Disponível em:

<file:///C:/Users/angela/Downloads/19033-22564-1-PB.pdf>; e MORENO, Helena Wakim. Voz d’Angola clamando no deserto: protesto e reivindicação em Luanda (1881-1901), 2014, Dissertação (Mestrado em História). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014, p. 4.

²⁵FREYRE, Gilberto. *Aventura e Rotina*: sugestões de uma viagem à procura das constantes portuguesas de caráter e ação. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1953, p.237

²⁶LOPES, João. “Apontamentos”. In: *Claridade* nº 2, 1936, p. 9.

contrários a fim de conferir legitimidade à sua proposta de análise sobre dois grupos culturais distintos presentes no arquipélago. João Lopes, admitindo a insuficiência de material para estudo das ilhas, propõe

preencher as lacunas com ilações tiradas da situação atual e subsidiariamente dos estudos levados a efeito no Brasil, para explicação do fenômeno brasileiro, em cuja integração atuaram os dois fatores capitais da formação de Cabo Verde: o europeu e o afro-negro.²⁶

Neste ponto, é interessante notar como a questão indígena, contemplada por Freyre, mas bastante subestimada em seu “protocolo de leitura”, é ignorada por João Lopes em sua apropriação, em razão de sua inadequação para se avaliar as ilhas, que não dispunham de uma população nativa.

Em seguida, o escritor irá desenvolver a tese sobre a consequência das diferenças de ocupação e exploração entre a ilha de Santiago, onde havia maior presença de latifúndio, e o conjunto de ilhas do Barlavento, onde o minifúndio foi predominante. O patriarcalismo de Santiago teria criado “um tipo de civilização semelhante às zonas brasileiras de economia escravocrata à sombra das casas-grandes com os engenhos”²⁷. O resultado dessa experiência, segundo o autor, teria sido a “menor compensação e reciprocidade entre as duas classes, os senhores – os brancos – e os escravos” e “um complexo de inferioridade ainda hoje bem visível”²⁸. João Lopes lamentou a fidelidade do povo da ilha de Santiago, segundo ele o local onde se conservou “o mais puro *ethos* africano”, às origens africanas. Para ele, esta região do arquipélago não “se beneficiou na mesma medida dos seus irmãos das outras ilhas das consequências da miscigenação e da interpenetração de culturas que marcaram a ação do colonizador português.”²⁹ E conclui: “Santiago é em parte um *compartimento estanque* em Cabo Verde” devido à fé do povo nos bruxedos, na magia negra e nas histórias de malassombrados[sic].³⁰

Por outro lado, João Lopes sublinhou que no grupo de ilhas do Barlavento não vingaram tais características. Ali, todos “patriarcalizaram-se, transformando-se, todos, senhores e escravos, numa família”³¹. É curioso notar como o grupo de ilhas do Sotavento, em especial a de Santiago, é sempre lembrado por esses intelectuais como paradigmático no entendimento e na sobrevivência da cultura negro-africana no arquipélago, ao contrário do grupo do Barlavento. Ainda que a história fática estrita confirme essa maior presença através dos morgadios e da mão de obra escravizada, a análise crítica deve levar em conta a origem desses homens, todos das ilhas do Barlavento, a exceção de Teixeira de Sousa, e a rivalidade histórica entre esses dois grupos de ilhas.

A despeito das diferenças marcantes entre Barlavento e Sotavento, Lopes mostrou-se otimista quanto ao futuro de Cabo Verde baseado na situação presente do Brasil. As diferenças, a seu ver,

não determinam a irredutibilidade e impossibilidade de interpenetração cultural. A evolução tem de fazer-se, como diz Gilberto Freyre para o Brasil, no sentido de todas as forças de cultura terem inteira responsabilidade de expressão criadora. O fato positivo é a criação em Cabo Verde de um ambiente de grande liberdade humana, nascida desse *processus sui generis absolutamente português*, ao invés dos colonizadores anglo-saxônicos que, sempre munidos da piedosa Bíblia protestante, asfixiaram moralmente o pobre negro [...] não permitindo que ele se evadisse desse compartimento estanque.³²

²⁷LOPES, João. “Apontamentos”. In: Claridade nº 2, 1936, p. 9.

²⁸LOPES, João. “Apontamentos”. In: Claridade nº 2, 1936, p. 9.

²⁹É interessante notar o modo negativo como são abordadas as manifestações religiosas de matriz africana. Manuel Lopes, já no primeiro número da Claridade, partilha de entendimento semelhante: “é vulgar verem-se desembarcar nessas ilhas, principalmente em São Vicente, estrangeiros sedentos de exotismos, com aquela doentia curiosidade de quem pisa terras de África [...] e que ao cabo de meia hora [...] tornam a embarcar desiludidos e azedos porque [...] não assistiram sequer a uma sessão de magia negra.” LOPES, Manuel. 1936, p. 5.

³⁰LOPES, João. “Apontamentos”. In: Claridade nº 2, 1936, p.

³¹LOPES, João. “Apontamentos”. In: Claridade nº 2, 1936, p. 9.

³²LOPES, João. “Apontamentos”. Claridade nº 2, 1936, p. 9. Grifo meu.

³³LOPES, João. “Apontamento”. In: Claridade, nº 3, 1937, p. 6.

No ano seguinte, novamente em artigo para a revista *Claridade*, João Lopes vem reafirmar a miscigenação com o português como responsável pelo “elevado grau de cultura cívica” do caboverdiano e pela ausência de crimes passionais em Cabo Verde. Ao se interrogar sobre onde teria chegado a “influência eugênica das levas afro-negras”, o escritor João Lopes conclui não saber, mas atenta que “a prolongada miscigenação de cinco séculos obliterou o vigor das *camadas invertidas da colonização*”.³³ Por isso, afirma o autor, em “Sant’lago, onde se conservou mais puro o ethos africano, sempre houve a necessidade de libertação manifestada nas diversas revoltas [...]”.

Enfim, a partir das publicações de João Lopes, é possível vislumbrar alguns pontos de diálogo com a teoria freyriana presente em *Casa Grande & Senzala*. João Lopes admitiu o europeu e o afro-negro como agentes formadores da cultura caboverdiana, mas lamentou a sobreposição do afro-negro como herança na cultura da ilha de Santiago. Além disso, prescreveu a reciprocidade entre senhores e escravos como ideal, o que indica um modelo harmônico a ser alcançado, modelo presente na argumentação de Freyre.

O benefício da colonização lusa é outro ponto alto da documentação, que revela a reformulação e elasticidade da obra de Freyre no arquipélago. O contraste das benesses da colonização portuguesa com a violência religiosa da anglossaxã mostra-se presente tanto no pensamento de João Lopes para Cabo Verde quanto no de Gilberto Freyre para o Brasil. Por fim, Santiago, que presenciou a supremacia da herança afro-negra, apresenta-se como um “compartimento estanque” se comparada com as outras áreas beneficiadas pela miscigenação, onde o fator lusitano é veementemente reforçado. Essa articulação entre o dinamismo e a herança portuguesa é recorrente no pensamento tanto de João Lopes como de Baltasar Lopes, que será analisado posteriormente. Em ambos os autores, aparece a imagem da colonização engrandecedora para o caboverdiano. Esse argumento pode ser encontrado também na obra de Freyre, por sua vez remetido ao Brasil. Em *Casa Grande & Senzala* o português aparece como

elemento principal, sob vários aspectos, do processo sincrético de colonização brasileiro. Antes de tudo, ele é o elemento dominante nos aspectos da cultura material e simbólica. É ele o motor e idealizador de todo o processo e é dele a supremacia militar. Se esse elemento a tal ponto dominante não carregasse em si próprio os germes da cultura que aqui iria se desenvolver, toda a argumentação de Freyre perderia em plausibilidade.³⁴

Respondendo ao convite do então Ministro do Ultramar Português, Sarmiento Rodrigues, Gilberto Freyre partiu, em 1951, para sua viagem sociológica pelas colônias portuguesas na África. Começando pela Guiné, Freyre seguiu para Cabo Verde, onde visitou as ilhas do Sal, Santiago e São Vicente em três dias de roteiro. As impressões da viagem foram publicadas em *Cabo Verde – Boletim de Propaganda e Informação*, quando o sociólogo ainda se encontrava no arquipélago:

Encanta-me poder surpreender em Cabo Verde, através da variedade de cores e formas da população o muito que há aqui de português, o parentesco do caboverdiano com o brasileiro. Somos verdadeiramente um mundo só [...].³⁵

Dois anos depois, com a publicação de *Aventura e Rotina*, porém, o discurso freyriano reverteu-se:

Tinham-me dito que eu viria encontrar em Cabo Verde uma paisagem e uma população semelhante às de certas áreas do Nordeste do Brasil [...]. Mas o parentesco entre as populações e as culturas luso-tropicais que se vêm desen-

³⁴ SOUZA, Jessé. Gilberto Freyre e a singularidade cultural brasileira. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, São Paulo, 12(1): 69-100, maio de 2000, p.76.

³⁵ FREYRE, Gilberto. Palavras de Gilberto Freyre. *Cabo Verde – Boletim de Propaganda e Informação*. Ano III, nº 26, 20 de novembro de 1951, p. 1.

³⁶ FREYRE, Gilberto. *Aventura e Rotina: sugestões de uma viagem à procura das constantes portuguesas de caráter e ação*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1953, p.291.

volvendo naquelas áreas brasileiras e as que parecem ter já se estabilizado em São Tiago e talvez noutras ilhas de Cabo Verde, este parentesco me parece vago. Confesso que minha mais forte impressão em São Tiago é a de estar numa espécie de Martinica [...]: ilhas em que as populações fossem predominantemente africanas na cor, no aspecto e nos costumes, com salpicadas, apenas, de influência europeia, sobre essa predominância étnica e social.³⁶

A viagem do estudioso pernambucano foi ansiosamente aguardada na imprensa caboverdiana. Baltasar Lopes, por exemplo, via nas ideias de mestiçagem e lusotropicalismo do brasileiro um arcabouço teórico relevante para pensar Cabo Verde. As impressões de Freyre, porém, foram aquém das expectativas. Cinco anos após sua viagem ao arquipélago e dois anos após a publicação de *Aventura e Rotina*, o escritor claridoso fez um discurso na rádio Barlavento que revelou como sua interpretação para Cabo Verde estava em consonância com o pensamento de Freyre e como foi significativa a desautorização do autor de *Casa Grande & Senzala*. A resposta a Freyre revela a importância, para Baltasar Lopes, de incluir Cabo Verde dentro “do mundo que o português criou”. No documento, o professor do liceu de S. Vicente declara: “ponho minhas dúvidas ao africanismo tamboriado por Gilberto Freyre [...]. Pela cabeça de quem, medianamente informado das coisas de Cabo Verde, é que passa que o cabo-verdiano é mais africano que português?”³⁷.

A negação do caráter e da origem africanos é muito presente em várias publicações de Baltasar Lopes. Em seu trabalho *O dialecto crioulo de Cabo Verde*, o autor reitera sua convicção quanto à diluição dos aspectos africanos no arquipélago.

Pela história ou, antes, pelos fatos bem patentes sabemos que brancos e negros se misturaram, dando origens aos mestiços, que predominam no arquipélago. Pela história sabemos que dois povos que se encontram e passam a viver ao lado um do outro através de séculos há sempre interinfluência, mas com predomínio do mais forte e do mais civilizado.³⁸

A partir desse trecho, é possível notar a clara reivindicação de uma origem europeia em detrimento da origem africana para a cultura de Cabo Verde.

Baltasar Lopes teve artigos e pronunciamentos convergentes com as ideias de João Lopes. Em resposta ao menosprezo que Gilberto Freyre demonstrou pela cultura caboverdiana em *Aventura e Rotina*, Baltasar começou seu discurso na Rádio Barlavento, no dia 12 de maio de 1956, reafirmando a semelhança existente entre Brasil e Cabo Verde. Sobre a produção brasileira e seu impacto no arquipélago, diz que estas revelaram

um ambiente, tipos, estilos, formas de comportamento, defeitos, virtudes, atitudes perante a vida, que se assemelhavam aos [destas] ilhas, principalmente naquilo que as ilhas têm de mais castiço e menos contaminado. [...] Esta identidade [...] não pode ser deturpação de escritores, ficcionistas e poetas, aliterados; ela deve corresponder a semelhanças profundas de estrutura social, evidentemente [...]. Nisto deu-se a revelação. Da revelação era grandemente responsável um livro magnífico: a *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre.³⁹

³⁷ SILVA, Baltasar Lopes da. Cabo Verde visto por Gilberto Freyre: Apontamentos lidos aos microfones da rádio barlavento. Praia: Imprensa Nacional, 1956. P. 14-15.

³⁸ SILVA, Baltasar Lopes da. O Dialecto crioulo de Cabo Verde. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1947, p. 10.

³⁹ SILVA, Baltasar Lopes da. Cabo Verde visto por Gilberto Freyre: Apontamentos lidos aos microfones da rádio barlavento. Praia: Imprensa Nacional, 1956. P. 6

⁴⁰ SILVA, Baltasar Lopes da. Cabo Verde visto por Gilberto Freyre: Apontamentos lidos aos microfones da rádio barlavento. Praia: Imprensa Nacional, 1956. P. 8. Grifo meu.

Há, nessa passagem, a tentativa de comparar a cultura brasileira com a caboverdiana. Em resposta ao que foi publicado sobre Cabo Verde em *Aventura e Rotina*, sobre a diferença abismal entre Brasil e Cabo Verde e sobre a tênue presença portuguesa na cultura do arquipélago, Baltasar acusa Freyre de ter “observado apenas a epiderme urbana” e que por isso não poderia “se dar ao luxo de perorar sobre o arquipélago, o seu povo e os seus problemas”, pois faz “generalizações de simples *pormenores insignificativos*”.⁴⁰

Esses “pormenores insignificativos” são justamente a herança negro-africana presente na cultura de Cabo Verde, negada por Baltasar. Segundo ele, “a composição social destas ilhas se caracteriza pela unidade na pluralidade”⁴¹. É curioso o uso dessa expressão freyriana numa crítica dirigida justamente ao sociólogo. Como já havia notado Hopffer Almada em *Caboverdianidade & Lusotropicalismo*, o uso da teoria freyriana para discordar do próprio autor é uma particularidade interessante em Cabo Verde nesse período.⁴² O alvo das críticas era o cronista viajante e não suas ideias expressas no conjunto da obra do sociólogo. As teorias de Freyre eram, quase sempre, adequadas ao que se pensava sobre o arquipélago.

Seguindo na argumentação, Lopes afirma que “Cabo Verde, salvo uma ou outra ilha destinada a desaparecer, se caracteriza pela fase mais avançada a que pode chegar o contacto das culturas europeias e africanas”.⁴³ O mais avançado, sem dúvida, diz respeito à obliteração da herança negra e à supremacia portuguesa. E finaliza: “quem conhece estas ilhas sabe que as sobrevivências dos cultos africanos no arquipélago são insignificantes” e acrescenta que houve o “esfacelamento de culturas não europeias”.⁴⁴

A partir do exposto, fica evidente a circulação de ideias no “mundo atlântico”⁴⁵ no começo do século XX, tendo como eixos de discussão Brasil, Portugal e Cabo Verde em momentos específicos de suas histórias. Com a análise, é possível vislumbrar os encontros e desencontros interpretativos dos autores quanto à mestiçagem da sociedade caboverdiana. As apropriações discursivas realizadas por esses sujeitos históricos apontam para a heterogeneidade do conhecimento e do imaginário sobre Cabo Verde, ambos construções sócio-históricas partilhadas em maior ou menos grau entre eles.

Como bem afirmou Osvaldo Silvestre, a celebração da identidade caboverdiana através da miscigenação tem um conteúdo político não desprezível, pois, já na década de 1930, quando a política colonial lusa via com desconfiança tal premissa, os intelectuais caboverdianos engajaram-se em defendê-la.⁴⁶ O autor afirma que o grupo *Clareza* “necessitava vitalmente de uma teoria da miscigenação, sem a qual nem a *Clareza* nem Cabo Verde poderiam vir de fato a ser.”⁴⁷ De fato, a ideia da miscigenação foi utilizada como argumento central na construção da identidade caboverdiana crioula na época. Num gesto de suprema inteligência teórica e prática, os homens da *Clareza* adequaram a teoria de Freyre aos seus próprios fins.

Os escritos de Gilberto Freyre foram referência fundamental para interpretações de variados matizes tanto no Brasil como em Portugal e em Cabo Verde. Para compreendê-los em seus diferentes locais de leitura, o pensamento de Pierre Bourdieu é essencial. Segundo o autor, de um lugar a outro, os textos circulam não trazendo consigo o campo de produção de que são produto.⁴⁸ A separação das produções de seu sistema de referências teóricas provocaram, em Cabo Verde, novas e originais leituras em Cabo Verde. Por isso é imperioso compreender em nível internacional as distâncias das ló-

⁴¹ SILVA, Baltasar Lopes da. Cabo Verde visto por Gilberto Freyre: Apontamentos lidos aos microfones da rádio barlavento. Praia: Imprensa Nacional, 1956. P. 11.

⁴² ALMADA, David Hopffer. Caboverdianidade & Lusotropicalismo: 2ª jornada de Tropicologia. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 1992. p. 85.

⁴³ SILVA, Baltasar Lopes da. Cabo Verde visto por Gilberto Freyre: Apontamentos lidos aos microfones da rádio barlavento. Praia: Imprensa Nacional, 1956. P. 13.

⁴⁴ SILVA, Baltasar Lopes da. Cabo Verde visto por Gilberto Freyre: Apontamentos lidos aos microfones da rádio barlavento. Praia: Imprensa Nacional, 1956. P. 14.

⁴⁵ Termo cunhado por Bernard Baylin. Cf. BAYLIN, Bernard. Atlantic History: Concept and Contours. Harvard University Press, 2005.

⁴⁶ SILVESTRE, Osvaldo. A aventura crioula revisitada: versões do atlântico negro em Gilberto Freyre, Baltasar Lopes e Manuel Ferreira. In: BUESCU, Helena Carvalho; SANCHES, Manuela Ribeiro (Orgs.). Literatura e viagens pós-coloniais. Lisboa: Colibri, 2002. p. 63-103, p. 80.

⁴⁷ SILVESTRE, Osvaldo. A aventura crioula revisitada: versões do atlântico negro em Gilberto Freyre, Baltasar Lopes e Manuel Ferreira. In: BUESCU, Helena Carvalho; SANCHES, Manuela Ribeiro (Orgs.). Literatura e viagens pós-coloniais. Lisboa: Colibri, 2002. p. 63-103, p. 69.

⁴⁸ BOURDIEU, Pierre. Les conditions sociales de la circulation internationale des idées. In: Actes de la recherche en sciences sociales. n. 145, 2002/5 p. 3-8.

⁴⁹ ANJOS, José Carlos Gomes dos. A condição de mediador político-cultural em Cabo Verde: intelectuais e diferentes versões da identidade nacional. Etnográfica, Vol VIII (2), 2004, p. 273-395, p. 275

gicas endógenas e exógenas a Cabo Verde, os laços entre projetos transatlânticos e projetos locais.

Assim, os intelectuais caboverdianos aqui apresentados, de leitores transformaram-se em autores, cujo trabalho foi surpreender o modelo original, desarticulá-lo de sua origem e centrá-lo no mundo social de Cabo Verde. Pensar o arquipélago como mestiço, portanto, eleva a categoria do intelectual caboverdiano e, segundo José Carlos Gomes do Anjos, dá a ele um lugar chave na cultura dominante do arquipélago⁴⁹. Foi a mestiçagem, no sentido cultural, o que permitiu Baltasar Lopes e João Lopes, por exemplo, dizerem-se portugueses, ou afirmarem que a cultura de Cabo Verde é portuguesa em sua essência. Sem a mestiçagem, a questão do pertencimento geográfico ficaria sem o contraponto, e a África seria a única saída.

A triangulação discursiva entre Cabo Verde, Brasil e Portugal revelou a tentativa de intelectuais de inscrever Cabo Verde num concerto de regiões entendidas como socialmente relevantes. Voltados mais para a América do que para a Europa (mas sem perdê-la de vista), a rota utilizada por séculos para o transporte de homens escravizados apareceu revisitada numa jornada identitária, na qual a circulação e apropriação de ideias fez o homem crioulo das ilhas de Cabo Verde poder falar de si - e transpor um rio tão estreito e de tantos meandros chamado Atlântico.

Fontes Bibliografia

- ALONSO, Angela. *Idéias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ANJOS, José Carlos Gomes dos. A condição de mediador político-cultural em Cabo Verde: intelectuais e diferentes versões da identidade nacional. *Etnográfica*, Vol VIII (2), 2004.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e paz: Casa-grande & senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2005.
- BAYLIN, Bernard. *Atlantic History: Concept and Contours*. Harvard University Press, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. Les conditions sociales de la circulation internationale des idées'. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*. n. 145, 2002/5.
- CERTEAU, Michel de. "Ler: uma operação de caça" In: *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- DÁVILA, Jerry. *Hotel Tropic: o Brasil e o desafio da descolonização africana, 1950-1980*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FERREIRA, Roquinaldo. Ilhas crioulas: o significado plural da mestiçagem cultural na África atlântica. *Revista de História da USP*, n. 155, 2006.
- FREYRE, Gilberto. *Aventura e Rotina: sugestões de uma viagem à procura das constantes portuguesas de caráter e ação*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1953.
- _____. *Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2006.
- _____. Palavras de Gilberto Freyre. *Cabo Verde – Boletim de Propaganda e Informação*. Ano III, nº 26, 20 de novembro de 1951.
- _____. Uma política transnacional de cultura para o Brasil de hoje. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*. Belo Horizonte, 1960.
- LOPES, João. "Apontamentos". In: *Claridade* nº 2, 1936.
- _____. "Apontamento". In: *Claridade*, nº 3, 1937.
- MAILHE, Alejandra. Una celebración de los Orígenes espúrios: Mestizaje y cultura portuguesa en el luso-tropicalismo de Gilberto Freyre. In: _____; REITANO, Emir. (Orgs.). *Pensar Portugal: reflexiones sobre el legado histórico y cultural del mundo luso en Sudamérica*. Buenos Aires: FaHCE, 2008.
- MORENO, Helena Wakim. *Voz d'Angola clamando no deserto: protesto e reivindicação em Luanda (1881-1901)*, 2014, Dissertação (Mestrado em História). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- NETO, Maria da Conceição. Ideologias, contradições e mistificações da colonização de Angola no século XX. *Lusotopie*, 1997.
- NETO, Sérgio. Cabo-verdianidade e Luso-tropicalismo: duas visões de Cabo Verde em tempos de Estado Novo. *Estudos do Século XX*, Coimbra, n.º3, 2003.
- PINTO, João Alberto da Costa. "Gilberto Freyre e a intelligentsia salazarista em defesa do Império Colonial Português" (1951 – 1974). *História*, São Paulo, nº 28, v 1, 2009.
- RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da Escrita*. São Paulo: Editora 34, 1995.
- RINGER, F. *Fields of Knowledge: French academy culture in comparative perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- SILVA, Alberto da Costa e. *Um Rio Chamado Atlântico - a África No Brasil e o Brasil Na África*. São Paulo: Nova Fronteira, 2014.
- SILVA, Baltasar Lopes da. *Cabo Verde visto por Gilberto Freyre: Apontamentos lidos aos microfones da rádio barlavento*. Praia: Imprensa Nacional, 1956.
- _____. *O Dialeto crioulo de Cabo Verde*. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1947, p. 10.
- SILVESTRE, Osvaldo. A aventura crioula revisitada: versões do atlântico negro em Gilberto Freyre, Baltasar Lopes e Manuel Ferreira. In: BUESCU, Helena Carvalho; SANCHES, Manuela Ribeiro (Orgs.). *Literatura e viagens pós-coloniais*. Lisboa: Colibri, 2002.
- SOUSA, Henrique Teixeira. Uma visita desejada. *Cabo Verde – Boletim de Propaganda e Informação*. Praia, Ano 3, nº 27, 1951.
- SOUZA, Jessé. Gilberto Freyre e a singularidade cultural brasileira. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, São Paulo, 12(1): 69-100, maio de